

Longe de tudo e de todos

Parte 1

Nota da autora

“Longe de tudo e de todos” é a versão em romance de “Um ninho para chamar de seu – reflexões na meia idade” meu livro de crônicas sobre a mulher de meia-idade – inédito e tão mexido e remexido - que resolvi deixá-lo como banco de dados para meus escritos futuros.

Tudo por que acredito não saber escrever crônicas como gostaria. Brinco seriamente ao dizer que consigo escrever trezentas páginas de um bem articulado romance, mas me perder em quarenta linhas de uma crônica que nunca encontra o tom, a clareza e a profundidade que julgo necessárias.

Assim, este romance é sobre a mulher de meia-idade.

Mas é também um suspense, meu gênero favorito de romance.

E, como psicóloga apaixonada que sou pelos sentimentos e sofrimentos da alma, resolvi juntar tudo e criar uma trama que espero, seduza e apaixone.

Pensei deixar claras minhas intenções, pois temo ter pecado em alguns tópicos. Algo como dizer “coloquei demais café no seu açúcar ou feijão demais no seu sal”. Nestas 284 páginas talvez não haja harmonia entre psicologia, romance, suspense e mulher de meia-idade. Às vezes mais, às vezes menos.

Como no caso do feijão ou do café. Do açúcar e do sal.

Também gostaria de avisar que chorar, rir, refletir, se identificar com, sentir raiva, medo, apreensão e curiosidade faz parte do pacote.

Afinal, o livro é sobre mulheres. Na meia-idade.

Capítulo 1

Parada na beira da estrada, no alto da colina, Brenda observava sua paisagem favorita. Adorava aquele cenário grandioso com o rio serpenteando por entre as montanhas rodeado pelo verde azulado da mata. Largo e imponente, de cor acinzentada, o rio dava um tom sombrio àquela paisagem, tão familiar e envolvente.

A lembrança que lhe vinha à mente era dos verões ensolarados, tingidos de amarelo e laranja do sol escaldante. Dos banhos nas águas mornas e frescas do rio, de cores oscilantes e imprecisas, com gosto de árvore e terra. As aventuras nas pequenas corredeiras e cachoeiras, por entre tocos, pedras e árvores, ou mesmo, dos passeios tranquilos e preguiçosos de canoa, por entre a mata rasteira que lambia as águas, do barulho oco do remo batendo contra as laterais da canoa. O gosto nativo e silvestre das pitangas e das amoras que cresciam sem cerimônia nas praias cobertas por cascalhos chatos e redondos, cuidadosamente escolhidos para as competições de amarelinha com as colegas de escola.

Olhando de longe, a paisagem sempre bela e exuberante não retratava quanta alegria Brenda viveu naquele rio, naquelas matas, naquele lugar. Daquele ponto da estrada, a imensidão da paisagem mostrava o todo. Não as partes. Parecia o Vale do Rio Reno na Alemanha, mas aquela bela paisagem era o Vale do Rio Taquari, na região central no Rio Grande do Sul. Da Alemanha, apenas os descendentes alemães, que descobriram num país tropical como o Brasil, um pedaço da Alemanha.

Brenda estava chocada. Estava saindo de um casamento fracassado. Sairia também daquela cidade. Parar naquele ponto e admirar o velho Rio Taquari, seguindo seu antigo e eterno percurso, transmitia a ela uma agradável sensação de paz e aconchego. Parecia que toda aquela imensidão estava lá apenas para testemunhar sua vida, e agora, aquele momento. Perder-se nas lembranças de um passado colorido, seguro e alegre pareciam transportá-la para longe da dor da decepção, da sensação de abandono e traição, que infelizmente eram suas atuais e indesejadas companheiras.

A decisão de sair de Colinas era difícil. Sentia-se perdida e desamparada. Chocada. Às vezes, era como se flutuasse e não tivesse mais amarras. Sair de lá seria como arrancar-se das únicas raízes que conhecia, criadas paciente e satisfatoriamente ao longo de toda sua existência. Adorava a vida que criara para si e sua família. Afinal, sempre acreditou que todos eram felizes daquele jeito e naquele lugar! Até descobrir que se enganou: afinal, que outro motivo havia para ser traída, enganada e humilhada, senão a infelicidade, o desacordo, a falta de amor e de cumplicidade?

Esperava sobreviver a esta turbulência. Jamais sonhou viver esta situação. Não naquele momento de sua vida. Não quando todos seus sonhos pareciam realidade: filhos crescidos e encaminhados, estabilidade emocional e financeira, sucesso social e profissional, e como imaginava até poucos dias atrás, um casamento feliz.

Por isso a confusão, o choque.

Por isso a decisão de sair de Colinas.

Precisava de um lugar neutro para se reequilibrar e se centrar novamente. Era como se estivesse no centro de um tornado, que devastou sua vida e suas certezas. Ainda não sabia como, nem por onde começar. Sabia apenas que precisava resgatar sua segurança e auto-estima, tornar-se autossuficiente de seu passado e de sua história.

Precisava de novas raízes e de um novo cenário para viver.

Pelo menos, neste momento.

Brenda nasceu e viveu toda sua vida na pequena cidade de Colinas. Estudou na escola da comunidade e depois numa escola de freiras, como a maioria de suas amigas. Concluído este período, voltou para sua cidade e deu continuidade aos negócios de família. Casou-se com seu amigo de infância Lorenzo com quem teve três filhos e ampliou a empresa familiar.

Brenda transformou o jeito de trabalhar e de viver daquela pequena comunidade. Sempre ousada e decidida, durante todos estes anos foi ela quem conduziu a Metalúrgica Oliveira. Seu marido Lorenzo tornou-se médico clínico geral e nunca se envolveu em seus negócios. De personalidade mais tímida e introvertido, ele era avesso a eventos sociais e badalações, o oposto dela, que pelo tipo de negócios que gerenciava, obrigava-se a freqüentar a sociedade e as atividades do município.

Por isso era tão complicado para Brenda entender, muito menos acreditar no que aconteceu. Lorenzo seria a última pessoa do mundo de quem ela desconfiaria. Mas foi justamente ele quem puxou seu tapete. Apunhalou suas costas. Puxou a vida do controle de suas mãos.

E agora, olhando aquela paisagem testemunha de sua vida, não sabia bem por onde recomeçar. Só sabia que precisava ser longe daquele lugar e de todos que a conheciam.

Não agüentaria ver nos olhos das pessoas que a viram crescer e progredir, o prazer. E ainda, assistirem de camarote sua derrocada. Sabia que muitos a invejavam, não gostavam dela. Ou pelo menos, ficariam felizes ao vê-la sentindo na própria pele o gosto do fracasso e da perda, da sensação de inferioridade que ela jamais demonstrou possuir.

Era estranha a sensação de vergonha que sentia. Afinal, envergonhar-se do quê? De ser traída, trocada, enganada? Como poderia envergonhar-se por algo que não partiu dela? Como era possível envergonhar-se por ser vítima, por ter sido traída e enganada pela pessoa com quem decidiu dividir sua vida?

Além da vergonha, o vazio, a dor da perda e a angústia. Sentimentos novos e desconhecidos, porém, presentes de forma ininterrupta e intensa nos últimos dias. Sentia-se aérea, distante e completamente atônita com tudo que aconteceu. Seria assim o estado de choque? Sentia-se diferente. Era como se ela não fosse ela. Estranho e bizarro não sentir-se a si mesma. E esta, definitivamente, não era ela. Era um terreno totalmente novo, era como caminhar sobre ovos. Talvez num campo minado.

Por mais que tentasse tirar da cabeça a cena do marido transando com Raquel, em seu próprio escritório, não conseguia. O que lhe vinha à mente era algo nebuloso que insistentemente invadia seus pensamentos, sua vida, seu dia a dia. Sentia-se refém destes pensamentos e prisioneira desta tragédia. Sua tragédia particular.

Quantas vezes ouviu o relato de pessoas traídas, enganadas, desprezadas. Quantas vezes assistiu em programas de televisão, novelas, peças de teatro, cinema, livros e revistas, sua história se desenrolar e se desvendar. Sabia que não era a primeira, nem a última. Seria apenas mais uma. Sabia de tudo isso. Mas saber e sentir não era a mesma coisa. Sua dor era única e singular e lhe consumia a energia e a alegria de viver. Pela primeira vez sentia doer seus sentimentos que lhe machucavam a carne. A dor emocional e afetiva doía no corpo, na cabeça, nas entranhas. A dor era real, e literalmente, sugava suas forças. Sentia-se enfraquecida e esvaziada. Tudo o que sempre a preencheu parecia ter se esvaído.

Apesar de sempre ter sido uma pessoa prática e objetiva, por mais que entendesse racionalmente tudo que aconteceu, não conseguia encontrar razões ou motivos para o fato de ter sido enganada. Nada fazia sentido.

Brenda entrou em seu carro, uma BMW X6, e sem olhar para trás, deu a partida e foi embora. Seus filhos já estavam criados, e cada um havia tomado uma direção. Combinou de encontrar-se com sua filha Anita. Ficaria com ela por alguns dias. Depois resolveria o que fazer. Seus filhos Vinícius e Conrado se encontrariam com ela na casa da irmã.

A viagem até Porto Alegre seria rápida. Apesar de estar com a cabeça cheia e o coração apertado, Brenda procurou concentrar-se na conversa que teria com seus filhos. Não imaginava qual seria a reação deles, muito menos de que forma abordaria o que aconteceu nos últimos dias. Nem ela sabia por qual perspectiva enxergar o que aconteceu. Não sabia até que ponto era vítima ou vilã.

Lembrava-se com carinho e saudade da infância e da juventude de seus filhos. Relembrando a vida e os momentos que viveram juntos ficava difícil identificar onde havia errado. Logo agora que os filhos estavam encaminhados: Anita era arquiteta e trabalhava num grande escritório de Arquitetura, Vinícius formara-se médico e estava finalizando sua residência como médico sanitário, e Conrado, o mais novo dos três, estava no último semestre da faculdade de Direito.

- Maldita hora para tudo isto acontecer! - Pensou Brenda irritada e profundamente chateada com o rumo que sua vida parecia estar tomando. Nunca imaginou que seu casamento acabaria como tantos outros. Iludiu-se pensando que ela e Lorenzo haviam construído um casamento perfeito, digno de um conto de fadas.

- Que idiota eu fui!!! Como pude ser tão ingênua? Como nunca suspeitei de nada? A cidade inteira deve estar zombando de mim agora!!! Idiota! Sôsa! – Brenda se questionava e se recriminava pelo que havia acontecido, mas principalmente por não ter percebido nada, sentindo-se a última das mulheres e não a mulher inteligente, dinâmica e invejada com a qual se identificava. Sentia-se como qualquer outra. Mais uma mulher traída. E a última a saber.

Enquanto lembrava dos filhos, do casamento, dos sonhos e dos projetos que sempre nortearam sua vida, as lágrimas começaram a rolar. Parou o carro no acostamento, debruçou-se sobre o volante e chorou copiosamente. Há dias sentia-se anestesiada. Ainda não havia chorado sua dor com a intensidade e a liberdade necessárias. Por mais chocada que estivesse com a visão da traição e a imediata percepção do que isto

provocaria em sua vida, alguma parte de Brenda funcionou no piloto automático. Por mais que pensasse no acontecido, a cena que presenciou ficou trancada em alguma gaveta do seu subconsciente. O que lhe vinha numa torrente vertiginosa eram pensamentos ligados às conseqüências do adultério, a decepção com o homem de sua vida, a vergonha e a sensação de irrealidade. Além de flashes nebulosos da cena macabra e aterradora que presenciou. Mas agora, sentada sozinha em seu carro, naquele ponto da estrada, sem ninguém para testemunhar e ver sua reação, a imagem de Lorenzo e Raquel, abraçando-se e beijando-se ardentemente era como um nocaute em sua auto-estima, uma punhalada em seu coração, o assassinato de seus sonhos. Viu com clareza de detalhes, cores e sons, Raquel sentada sobre Lorenzo, na sua poltrona, e mesmo sem ver seus órgãos se encaixando, percebeu pelo movimento dos corpos e dos gemidos, que eles transavam. O barulho da porta sendo aberta não foi percebido por nenhum dos dois, que continuaram em seu momento erótico, num sobe e desce ritmado, palavras obscenas sussurradas ao ouvido. Brenda viu as mãos de Lorenzo agarrando a cintura de Raquel com força e desejo, pressionando o corpo dela a encaixar-se ao seu. A expressão de prazer no rosto de Lorenzo parecia agora, algo imoral e indecente, mas na hora, ficou perplexa ao ver aquele rosto, tão querido e amado, gemer nas mãos e no corpo de outra mulher. A dor que sentia ao lembrar aquela cena era excruciante e avassaladora.

- Filho de uma puta, idiota, sem vergonha, canalha!!!! Brenda chorava seus insultos numa tentativa de tirar de si o ódio e a raiva que a consumiam como fogo. – Como pôde fazer isso comigo? Como pôde fazer isso com nossa família? Monstro, idiota, cachorro, canalha. - Brenda chorava e soluçava, fincava as unhas e socava o volante, e de cabeça baixa, permitiu-se desabar.

Brenda não sabia quanto tempo ficou estacionada no acostamento e em sua dor. Chorou tanto que seus olhos ficaram de um vermelho sangue que parecia estar com conjuntivite. Sentia-se fraca, sugada e estraçalhada. Deitou o banco do carro e pegou no sono, acordando sobressaltada com o toque de seu celular.

- Mãe, onde você está?
- Estou a caminho, filha!
- Sua voz está estranha. Você estava chorando?
- Parei um pouco para descansar e acabei dormindo.
- Quanto tempo você demora para chegar?

Brenda olhou ao redor para se localizar. Quando parou não reparou onde estava.

- Em uma hora estou aí. Não se preocupe, estou bem. Os meninos já chegaram?

- Que meninos, mãe! Vinícius acabou de chegar e o Conrado ligou dizendo que atrasaria um pouco. Vocês devem chegar mais ou menos no mesmo horário. Você está com fome?

- Não. Não se preocupe comigo.
- Estamos te esperando.

Brenda estranhou o diálogo e o tom de voz da filha. Estava evasiva. Normalmente Anita tagarelava sem parar ao telefone. Será que aconteceu

alguma coisa? Será que seus filhos já sabiam do ocorrido? Talvez algum amigo de Colinas tivesse ligado e os colocado a par da situação. Que diferença isto podia fazer?

Guardou o celular na bolsa e voltou para a estrada rumo a Porto Alegre, sentindo-se mais aliviada. O sono e o choro lhe fizeram bem. Parou quase duas horas. Estava suada, com fome e com sede. Logo, logo, chegaria ao apartamento de Anita.

Sabia que a conversa que teria com os filhos não seria fácil. Cada um tinha um jeito próprio de ser e de entender a vida. Tinha dúvidas de que lado seus filhos ficariam, frente à batalha que teriam pela frente.

A Rua Gonçalo de Carvalho era um pequeno refúgio de poucas quadras, um lugar tranquilo, silencioso e divinamente arborizado. Brenda e Lorenzo compraram um amplo apartamento anos antes, naquela rua, com o intuito de acomodar os filhos em seus anos de universidade. Esporadicamente, os dois iam ao teatro, cinema, ou simplesmente passavam o fim de semana com os filhos na capital. Comparada a Colinas, Porto Alegre era uma metrópole atraente e acolhedora.

Enquanto Brenda estacionava a BMW X6 numa das vagas do apartamento 84, lembrou-se da última vez que ela e Lorenzo estiveram em Porto Alegre. Há apenas um mês atrás, três semanas antes do flagrante. Brenda lembrou-se do final de semana a sós, do passeio no shopping, do presente surpresa que Lorenzo lhe comprou – uma camisola de seda -, o jantar a luz de velas, e a noite de amor, que agora soava como uma piada de mau gosto. Tentou livrar-se destas lembranças, pois não queria que os filhos a vissem chorando.

- Pelo menos não hoje! Pensou Brenda, enquanto retirava suas coisas do portamalas.

À medida que subia ao apartamento, começou a sentir um leve tremor pelo corpo, suas mãos começaram a suar, o estômago parecia querer dar cambalhotas, e ela começou a pensar no que diria, por onde começaria. Sentiu-se estranha ao se deparar na porta de seu apartamento. Do outro lado, estavam seus filhos. Com que olhos se veriam? O que eles estavam pensando a respeito dos pais? Entenderiam o que estava acontecendo? Começou a sentir-se nauseada e tonta.

- Onde está a porcaria da chave? Será que esqueci de pegá-la? - Brenda bufava ao não encontrar as chaves em sua bolsa.

- Bela bagunça neste saco sem fundo, heim mãezinha querida? - Conrado abriu a porta e começou a rir de sua mãe na tentativa ingloria de encontrar as chaves do apartamento em sua bolsa, sempre repleta de papezinhos, contas, carteira, óculos de sol, de perto, celular pessoal, celular da empresa, entre tantos outros badulaques.

- Olá meu filho querido! Não estou encontrando a chave...

- Estou vendo.... Deixa prá lá. - Conrado abraçou a mãe com carinho e com cuidado como só ele era capaz de fazer. Brenda retribuiu o abraço de seu filho caçula com ternura, e sentiu uma enxurrada de lágrimas invadirem seus olhos.

- Mãezinha querida, sabia que eu te amo muito, muito, muito? - Conrado pegou o queixo de sua mãe e levantou-o suavemente para que

pudesse olhar fundo seus olhos azul- hortência. Brenda não ofereceu nenhuma resistência e retribuiu o olhar terno do filho a quem também amava demais. As lágrimas começaram a engrossar e turvar sua visão. Baixou o olhar e se afastou do filho, pegando apressada e desajeitadamente sua bolsa esparramada no piso.

- Olá crianças, tudo bem com vocês?

- Oi mãe, como você está? Vinícius foi ao encontro da mãe e a abraçou, de forma carinhosa, porém mais contida.

- Estou bem.

- Soubemos o que aconteceu entre você e o papai. - Disse Vinícius com um olhar adulto e sério.

- O que vocês estão sabendo?

- Papai esteve aqui ontem e nos contou o que aconteceu. -Disse Anita, saindo da cozinha secando as mãos num pano de prato. Foi até sua mãe, e assim como seus irmãos, abraçou-a carinhosamente.

- E o que seu pai contou a vocês? - Perguntou Brenda com certa irritação na voz.

- Mãe, se acalma. Vamos conversar lá na cozinha. Anita preparou um cafezinho e um bolo de baunilha. Você deve estar morta de fome. - Vinícius pegou a mãe pelo braço tentando conduzi-la para a mesa da cozinha.

- O que foi que o pai de vocês contou a vocês? - Brenda esbravejou, soltando-se bruscamente das mãos de Vinícius.

Conrado, Vinícius e Anita ficaram quietos.

- Quer dizer que o traíra do pai de vocês, veio aqui, sem me dizer nada, conversar com vocês? - Brenda sentiu-se novamente traída pelo marido, e agora também, pelos próprios filhos.

- Como vocês tiveram coragem de abrir a porta para aquele traste do pai de vocês e escutar as mentiras dele?

- Mãe, se acalma! Nós nem sabíamos o que havia acontecido. Você ligou na terça-feira e disse apenas que queria conversar conosco. Ontem o pai amanheceu aqui no apartamento, e passamos a manhã inteira conversando. Nós também ficamos chocados com o que ele nos contou. O que você queria que nós fizéssemos? Que o expulsasse de casa, lhe desse uma surra, jogasse do prédio? Poxa mãe, o velho é nosso pai! - Novamente foi Conrado, com os olhos marejados, quem quebrou o gelo e a animosidade daquela conversa.

Brenda olhou para os três filhos, tentando decifrar o que cada um deles estava pensando ou sentindo. Viu seus filhos desconfortáveis dentro daquela história, na qual nem ela se sentia bem.

- Desculpem, crianças! Sei que vocês não têm culpa de nada. Meu sangue subiu à cabeça só de imaginar o pai de vocês aqui, neste apartamento, falando do que aconteceu. - Brenda tentou se acalmar. Sentou-se no banco encostado à parede, serviu-se de um pedaço de bolo e de uma generosa caneca de café preto.

- Mãe, é difícil para nós opinar sobre o que aconteceu. Todos aqui somos adultos, e sabemos que nem sempre o relacionamento a dois é fácil. E todos aqui sabemos das dificuldades pelas quais você e o papai tem passado ao longo dos anos. Não sabemos o que pensar, nem o que fazer. Gostaríamos que vocês dois fossem felizes juntos, mas se não for possível

isso, pelo menos que sejam felizes separados. - Anita tentava iniciar um diálogo mais civilizado e sereno com sua mãe, visivelmente transtornada.

- O que o pai de vocês falou? Posso saber? - Brenda sentou-se de forma mais confortável, com a perna esquerda sob a direita, tentando relaxar e assim assimilar melhor as palavras que seriam ditas, enquanto engolia o bolo e entornava a caneca de café.

- Papai disse que fazia tempo que o relacionamento de vocês não estava bom. Que ele estava cansado dos altos e baixos. Você passava seus dias e semanas às voltas com o seu trabalho, clientes e fornecedores. Chegava exausta à noite, irritada, mandona e cada vez mais distante dele. Ele tentava falar, mas você sempre tinha coisas mais importantes a fazer, pessoas mais interessantes com quem conversar. Ele se sentiu sobrando. Isso, quando simplesmente você ignorava ele e o mundo e se desligava de tudo. - Anita falou pausadamente, com o olhar focado no bolo, sendo esmigalhado pela mãe.

- Ele acha que você sempre o atropelou, que não pedia nem ouvia suas opiniões ou decisões. Disse que se sentia anulado e castrado ao seu lado. - Vinicius falou vagarosamente, medindo cada palavra, enquanto observava as reações de sua mãe.

- E aí surgiu a Raquel, toda carinhosa e compreensiva, fazendo com que ele se sentisse homem novamente. Admirado, querido e desejado. A última bolacha do pacote. - Falou debochadamente Conrado.

- O que mais? - Brenda tremia as pernas como se tivesse a síndrome das pernas inquietas, enquanto fazia pequenas bolinhas com o bolo esmigalhado, o olhar furioso, atravessando o tampo de granito da mesa, as lágrimas rolando impiedosamente pelo rosto.

- Papai não sabe exatamente o que quer. Não tem certeza se quer se separar. Ele disse que ainda não estava preparado para decidir. Que ficou sem alternativas depois que você o encontrou com a Raquel no escritório. Fica aflito só de imaginar deixar você sozinha. - Falou Anita de forma cautelosa, pois pressentia o estouro de sua mãe.

- Quer dizer que o queridinho do mosca morta do seu pai não sabe o que fazer? Ele quer que eu decida se ele fica comigo ou com a outra? - Vociferou Brenda, ainda com o olhar perdido e furioso.

- Acho que ele quer apenas mais tempo para pensar, para decidir. Sugerimos que ele buscasse ajuda de um profissional, psicólogo ou psiquiatra, ou talvez uma terapia de casal, o que você acha mãe? Ponderou Vinicius. - Penso que ele está meio depressivo, pois chorou muito enquanto falava conosco. Disse que não tem dormido, nem comido direito. Para onde olha, ele percebe que todos estão comentando. Que faz dias que tem dormido no sofá da sala de espera do consultório, porque ainda não conseguiu conversar com você. Pois você simplesmente o ignora e não o recebe para que possa esclarecer o que aconteceu.

- Será que tem alguma coisa a mais para ser esclarecida? - Brenda sorriu sarcasticamente. O olhar fixo na caneca de café.

- Bem mãe, papai não entrou em detalhes sobre o que aconteceu. Ele tentou nos explicar as causas de tudo isso. Até entendemos muitas das razões dele. Não é qualquer homem que tolera e convive com uma mulher temperamental como você. Você há de convir, que nem sempre é fácil.

- Você está insinuando que seu pai tem motivos aceitáveis para me trair com aquela vagabunda, Vi?

- Não mãe. Ele apenas tentou nos fazer entender do porque se envolveu com a Raquel. Sei lá. Acho que ele queria se justificar pelo que fez. Sinceramente, acho que o velho está arrependido. - Completou Vinícius.

- Não sei se concordo, Vi. Pelo que entendi, papai está decidido a se separar. Apenas não queria que acontecesse do jeito como aconteceu. Ele ainda gosta da mamãe, só não a ama mais. - Acrescentou Anita. – O que você acha Conrado?

- Não sei. Acho que o coroa também não sabe. Sinceramente, acho que ele apenas foi pego em flagrante, e agora não sabe como sair desta enrascada. Nunca ouvi ou senti que ele quisesse se separar da mamãe. Sempre achei que os dois ainda se gostavam!!!! Até ouvia alguns barulhos diferentes do quarto dos dois de vez em quando!!!! - Conrado tentava amenizar o clima pesado da conversa.

- Mãe, o que você pensa sobre tudo isso? - Perguntou Vinícius.

- Prefiro não falar nada, só vai sair merda!

- Mãezinha querida, de onde saiu seu novo vocabulário nada ortodoxo? Nunca imaginei ver minha mãe falando tanto palavrão e brava deste jeito!!!! - Gracejou Conrado.

- Me desculpem. Estou realmente furiosa com tudo o que vi, ouvi e com tudo que aconteceu. Preciso tirar de dentro de mim toda esta coisa ruim que estou sentindo, senão vou morrer envenenada. Acho que os palavrões são veneno puro sendo destilado. Por favor, não reparem!

A fisionomia de Brenda, antes agressiva e explosiva, cedeu lugar ao desalento e à tristeza. Colocou as mãos na testa e os cotovelos na mesa e começou a falar de mansinho, numa voz sumida e sofrida.

- Nunca imaginei ver a cena que vi. O pai de vocês “*trepando*” com outra mulher. No meu escritório e na minha poltrona. De vez em quando ouvia alguns comentários maldosos insinuando que ele tivesse algum caso com alguma menina nova da cidade, pacientes, enfermeiras talvez. Nunca dei ouvidos. Achava que eram fofocas de gente invejosa querendo nos prejudicar. Confiava cegamente no pai de vocês, e o amava incondicionalmente. Sei que sou uma mulher determinada e de temperamento forte, assim como seu pai é um homem calmo e charmoso, mais preocupado com o bem estar de todos do que com os negócios. Sempre quieto e reservado, participava pouco do mundo além das portas do seu consultório. Sempre respeitei seu jeito de ser, e pelo que me lembro, sempre apoiei qualquer iniciativa que tivesse em sua carreira. Até uma semana atrás acreditava que tinha o marido e o casamento perfeitos, e aí, PLUFT, seu pai e a “piranha” da Raquel “*trepando*” na minha poltrona. Meu mundo desabou. Vocês acreditam que os dois não perceberam quando entrei e continuaram naquele “rala e rola” desavergonhado, na minha frente? Não agüentei. Gritei como uma histérica, puxei a piranha de cima do pai de vocês, dei uns belos duns tabefes nos dois, cuspi e rosnei, chutei. Saí de mim. Não lembro o que mais eu fiz. Quando dei por mim, estava sozinha no chão do escritório, a poltrona quebrada e totalmente rasgada, chorando e olhando incrédula ao meu redor. Se eu não estivesse ali, no chão, daquele jeito, eu mesmo duvidaria do que vi e fiz. Até agora, custo a acreditar que foi o pai de vocês que eu vi “*trepando*” com aquela mulher.

- Mãe, pára! Já entendemos! - Reclamou Anita, irritada e enojada com o tom usado por sua mãe ao relatar a cena entre seu pai e a amante dele.

- Mas eu tenho que falar, para acreditar, para entender. Eu preciso dizer que seu pai estava “*trepando*” com a “piranha” da Raquel, pois faz com que tudo seja realmente verdadeiro e eu não consiga mais me enganar. Perdoem-me, mas preciso colocar para fora.

- Tudo bem. - Conrado acariciava suavemente as mãos de Brenda.

- Fiquei no escritório até anoitecer, esperando pelo pai de vocês. Ele simplesmente não apareceu. Fui para casa, e nada. Amanheceu, e nada. Ele sumiu. Evaporou.

- Papai não te procurou para conversar, para se explicar? - Quis saber Vinícius.

- Não. Nenhuma palavra, nenhuma linha. Da parte dele, silêncio total. Tudo o que sei é através de boatos, de olhares. Hetti também tem me mantido informada.

- A Hetti? O que ela sabe? - Quis saber Anita.

- Não sei ao certo. Mas parece que sabe muito, e um pouco mais.

- Fala, mãe! - Ordenou Vinícius de forma impaciente.

- Calma, Vi. - Acalmou-o Anita.

- Ele realmente tem dormido no sofá do consultório. Ao meio dia. À noite, ele se resfolega na cama da dita cuja “piranha”. Os dois foram vistos fazendo compras em Lajeado. Roupas para o marido adúltero fujão, além de bugigangas para o novo ninho de amor dos dois.

- Peraí mãe, você está dizendo que o papai está vivendo com a Raquel? - Quis saber Anita.

- Não, estou apenas repetindo o que toda Colinas está comentando. E como seu pai não deu as caras, começo a acreditar que seja verdade. - Respondeu-lhe Brenda, já mais tranqüila e segura de si.

- O que você está pensando em fazer, se tudo isto for verdade? - Quis saber Conrado.

- Ainda não sei. Passei a semana tentando entender, e não consigo. Gostaria que vocês me ajudassem. Preciso que vocês acompanhem seu pai. Estou com tanto nojo, que pensei em sair uns dias, quem sabe, algumas semanas. Preciso me acalmar, deixar a poeira baixar. Não quero ser precipitada ou impulsiva. Quero refletir sobre o que fazer. Se decidisse agora, mandaria o pai de vocês ao inferno, sem dó nem piedade, mas, quando penso no que vivi nos últimos 30 anos, ao lado dele..... sei que esta semana, foi terrível e humilhante. Preciso pensar com calma.

- Para onde você vai? - Quis saber Vinícius.

- Enquanto vinha para cá, liguei para o avô de vocês, e ele ofereceu a casa de praia. Está vazia. Vou preparar algumas coisas, e no máximo em dois dias, viajo ao litoral.

- Você vai sozinha?

- Preciso ficar sozinha por algum tempo, Conrado!

- Você vai ficar bem?

- Na medida do possível. Qualquer coisa, vocês tem o telefone da casa da praia e o meu celular. O avô de vocês vem passar alguns dias comigo. Não entrei em detalhes, mas com a idade que tem, percebeu que alguma coisa não estava nos conforme, como ele gosta de frisar. Disse que vem passar o fim de semana comigo, pois precisa consertar a cerca da casa.

- Eu ficaria mais tranqüilo se você levasse alguém junto! Nesta época é perigoso ficar sozinha na casa da praia. Rainha do Mar está deserta. - Falou Vinícius de forma preocupada.

- Querido, não tem com o que se preocupar. - Tentou acalmá-lo Brenda.

- Me dá arrepios só de pensar que a praia está vazia como uma cidade fantasma. E você sozinha, vai acabar se deprimindo.

- Vou levar a Weiss. Você fica mais tranqüilo?

- Aquela cachorra brincalhona?

- Ela será a companhia perfeita. Vocês não precisam se preocupar. Vou ficar bem. Melhor do que em Colinas, com todos os holofotes direcionados sobre mim.

Mais tarde, sozinha em seu quarto, do alto do oitavo andar, Brenda observou a cidade se preparando para dormir. Ficou imaginando as vidas de todas aquelas pessoas que moravam tão próximas a ela, e ao mesmo tempo, tão distantes; quantos estariam se separando, se casando, esperando um bebê chegar, velando um ente querido, quantos estariam desempregados contando o dinheiro para passar o mês, quantos estariam fazendo amor, brigando, estudando, lidando com uma doença terminal ou apenas assistindo um bom filme. Cada um lidando com as coisas boas e as coisas ruins que fazem parte de viver.

Quase ninguém morria disso. O que morria eram os sonhos, os projetos, as ilusões e as fantasias, que cediam lugar à realidade. Alguns desistiam. A maioria buscava alternativas. Eram outros caminhos, carregados de ansiedade e medo frente ao desconhecido. Lembrou-se de um artigo que leu alguns anos atrás, que falava de pontos Y. Eram as encruzilhadas no meio do caminho. A decisão de ir por um ou outro caminho definiria o futuro. Qualquer escolha, pequena ou grande, apontaria para um futuro diferente. Sentia que estava num destes pontos. O que ela faria agora?

A conversa com os filhos, inicialmente tão tensa, evoluiu para um agradável bate-papo sobre namoradas, trabalho, estudos, cinema, livros. Anita, Vinícius e Conrado esforçaram-se para amenizar o clima e tranqüilizar a mãe. Vinícius e Conrado iriam até Colinas colocar-se a par dos negócios, trocar algumas idéias com o pai e o contador, e administrar a crise e os negócios da melhor forma possível.

Sentia nojo da vida que há duas semanas era sua razão de viver. Queria distância de tudo e de todos. Após os primeiros dias, em que deixou os negócios mais ou menos encaminhados, seu único desejo era sumir.

Passar alguns dias na casa de veraneio de seu pai era uma excelente ideia.